



Roberto Paixão

AS figuras na rocha, de tamanho mínimo, são características do chamado "estilo Seridó"

As pinturas milenares do Rio Grande do Norte

Estamos visitando uma exposição de arte com dez mil anos de idade

A repórter Maria Luiza Borges e o fotógrafo Roberto Paixão acompanham uma equipe de arqueólogos da UFPE no Sertão do Seridó



Com desenhos delicados e cuidados, eles retrataram rituais, barcos e caçada. Os homens que habitavam o sertão do Seridó há quase dez mil anos deixaram gravadas nas rochas cenas de suas vidas, enriquecidas por muitos sinais, hoje incompreensíveis. E legaram aos homens de hoje mais um elo de uma grande corrente que, algum dia, pode mostrar como foi realizada a ocupação humana no continente americano.

Um trabalho que vem sendo realizado há dez anos por uma equipe de pesquisadores do mestrado de História da Universidade Federal de Pernambuco está tentando descobrir e estudar o maior número dessas pinturas e comparando-as aquelas já encontradas em outros locais, estabelecendo como ocorreu a migração humana no Nordeste. Uma nova etapa dessa pesquisa foi iniciada na semana passada, no sul do Rio Grande do Norte, onde um grupo de arqueólogos, arquitetos e cartógrafos esteve colhendo novos dados e também iniciando a exploração de dois novos sítios arqueológicos, um deles até então não localizado.

Tradição Nordeste

As pinturas encontradas no Seridó se assemelham às existentes em São Raimundo Nonato, no sul do Piauí (a uma distância de 1.200 Km em linha reta)", conta a arqueóloga Gabriela Martin, coordenadora do Mestrado em História da UFPE. Ela explica que se trata de uma grande tradição de pintura rupestre, conhecida como *Tradição Nordeste*, que, no Piauí, começou a ser empregada há 12 mil anos e no Seridó já recebeu datações de até 9.400 anos. No Rio Grande do Norte, as pequenas diferenças levam os pesquisadores a considerar a existência de um *Estilo Seridó*, dentro da Tradição Nordeste. Mas, apesar da distância, parece ter sido o mesmo grupo humano que ocupou o sul do Piauí e o Rio Grande do Norte, aonde chegou provavelmente vindo do Planalto Central.

"No Seridó há a presença de elementos novos, como piranhas (canoas) e remos, mas a representação é semelhante às figuras humanas são pequenas e com movimentos", explica a pesquisadora. Marcos Galindo, arqueólogo da Funai e membro da equipe de Gabriela, chama a atenção para algumas cenas pintadas nos sítios: rituais que se assemelham a uma dança onde as pessoas estão dispostas aos pares (como hoje fazem os índios pancararas, de Tacaratu, em Pernambuco) e até uma representação de estupro, com uma figura humana imobilizada por duas outras e estuprada por uma terceira. Tradição semelhante existia entre os fulni-ôs, de Aguias Belas, como castigo às mulheres adúlteras.

Os signos encontrados nas pinturas rupestres são classificados como reconhecíveis, emblemáticos ou grafismos puros. Os primeiros retratam cenas identificáveis como caçadas e atos sexuais. Os emblemáticos mostram figuras humanas, mas não é possível interpretar as situações que representam. Por fim, os grafismos são sinais que para nós não têm significado, mas devia ser uma forma de comunicação, como os rudimentos de uma escrita.

"Cientificamente, não se deve interpretar esses sinais, a não ser os que claramente retratam cenas reconhecíveis", explica Gabriela. É com base em algumas representações de figuras humanas que ela concluiu que os primitivos habitantes do Seridó eram caçadores e possuíam uma estrutura social complexa.



Roberto Paixão

Gabriela Martin e equipe: trabalho extremamente minucioso



Roberto Paixão

Nas pinturas, os barcos indicam que o sertão foi mais úmido

Há bem definida a existência de uma hierarquia. Os chefes são apresentados com algum elemento diferenciador, seja um covar mais vistoso, uma arma diferente ou mesmo um grande falo. As pinturas do Seridó estão fixadas em farnas e pedras a uma certa distância e mais altas que o nível do rio. "Eram provavelmente locais de culto e rituais. Os índios da pré-história brasileira deviam morar em aldeias mais próximas ao rio", considera a arqueóloga.

Clima diferente

Mais que um retrato dos índios da pré-história, o *Estilo Seridó* aponta para a existência de um clima mais úmido na região. Os sítios encontrados pelos arqueólogos ficam nas imediações do rio Carnaúba (afluente do Seridó), que hoje é intermitente, mas deve ter tido um grande volume no passado. Uma prova disso é a presença de piranhas (pequenas canoas) em todos os sítios estudados. "Como dizia o professor Vasconcelos Sobrinho, o semi-árido está num processo de desertificação", lembra Gabriela. Ela conta que, nos registros do ecólogo, o rio Carnaúba (que está completamente seco há cinco meses) ficou sem água pela primeira vez em um século no ano de 1982. Os pesquisadores já localizaram 12 sítios entre as cidades de Carnaúba dos Dantas e Parelhas. Cada um deles leva o nome do local onde está, como o costume na Arqueologia, ou, no caso específico do Seridó, o nome dado por seu descobridor, José de Azevedo Dantas (ver quadro na página seguinte). Desse sítios, já estão totalmente explorados os de Casa Santa e Boqueirão de Parelhas. Neste último, foram concluídas as escavações, apesar da resistência dos proprietários do terreno e de mineradores da região. Essas escavações localizaram sepulcros de crianças realizados há cerca de 9.400 anos e ainda colares — um de conchas do mar e outro com um pingente de dente de tubarão. A equipe pretende escavar outros sítios, em busca de novos sinais da cultura material desses índios. Nessa última viagem, a segunda da equipe completa este ano, os pesquisadores escavaram o sítio de Pedra do Chapéu (chamado por Dantas de Pedra do Alexandre) e a copiar as pinturas desse e de outro sítio, descoberto na semana passada: o da Pedra dos Caboclos, situado a 550 metros de altitude, na Serra Nova. O sítio recém descoberto trouxe uma novidade para os pesquisadores. As pinturas do *estilo Seridó* são cobertas por outras de uma tradição diferente, a *Tradição Agrista*. Essa tradição é encontrada em quase todos os estados da região, com datações mais recentes que as da Tradição Nordeste. São figuras maiores, rígidas, sem o movimento e delicadeza dos painéis mais antigos. Talvez seja mais um elo que aponta para a existência de ocupações diferentes na área, no longo dos anos.

Mil anos? Dez mil? A Ciência responde



A equipe da UFPE iniciou, na viagem realizada na semana passada, um tipo de análise que até então não havia sido utilizada no Brasil: definir a composição da tinta empregada pelos artistas pré-históricos. A mestranda Ana Catarina Ramos, que fez um curso sobre pigmentos no Instituto de Física da Politécnica de Milão (Itália), começou a recolher amostras milimétricas das pinturas para fazer um estudo físico-químico do material. As análises são feitas no Departamento de Química Fundamental da UFPE.

Essas análises, contudo, não podem determinar a época em que foram pintados os painéis. As datações das pinturas são feitas de forma indireta: quando existem sedimentos próximos aos painéis, a equipe escava a área e data as amostras de origem orgânica das camadas que têm vestígios das pinturas (como restos de tinta, por exemplo). Foi assim que se chegou à datação de cerca de 9.400 anos do Boqueirão de Parelhas. O material de origem orgânica é datado a partir de medições do Carbono 14 existente, uma técnica desenvolvida nos Estados Unidos na década de 50. A análise é possível porque, quando um organismo morre, seus átomos de Carbono 14 se transformam em Carbono 12 (mais estável que o anterior). Ao se analisar quanto resta de Carbono 14, automaticamente se descobre há quanto tempo a amostra estava depositada no sedimento. Vários laboratórios em todo o mundo fazem essas medições de Carbono 14, inclusive um em São Paulo. As amostras recolhidas pela equipe de Gabriela Martin são, na sua maioria, analisadas no Conselho Superior de Investigação Científica na Espanha, que mantém convênio com o CNPq, financiador da pesquisa da UFPE. O resultado dessas datações às vezes demora um ano para chegar. Não são as estruturas orgânicas que são datadas. A cerâmica também, utilizando-se um processo desenvolvido na década passada, conhecido como "termoluminescência". Quando a cerâmica é cozida, ela emite toda a sua radiação e, a partir daí, tudo o que ela recebe de novas radiações volta a ser contado do zero. A técnica consiste em voltar a aquecer a cerâmica para se medir a radiação acumulada e, dessa forma, saber-se em que época ela foi cozida. Segundo a professora Gabriela Martin, as características dos índios que habitaram o Seridó há cerca de 10 mil anos não faz supor que fossem ceramistas e realmente ainda não foi encontrada nenhuma amostra desse tipo de trabalho.



Dentro das fumas, os desenhos pré-históricos puderam ser preservados durante milênios, contando uma história agora recontada

Onde até os rios não têm água



Carnaúba dos Dantas, cidade onde ficam os arqueólogos que estão pesquisando os sítios de pinturas rupestres no estilo Seridó, é um município de 5.600 habitantes, situado a 246km de Natal. Há apenas um telefone na cidade — o do posto telefônico, com ramal para o prefeito. O único hotel só tem dois quartos disponíveis, o que fez com que toda a equipe (incluindo a reportagem do JOC) ficasse hospedada em duas casas cedidas pela prefeitura.

O município está bem no meio do Sertão do Seridó, área que é banhada pelo rio Seridó (que deságua no rio Açu) e seus afluentes. Carnaúba dos Dantas (onde, de fato, quase toda a população tem Dantas no sobrenome) está plantada nas margens do rio Carnaúba, que desagua no Seridó. O Carnaúba está completamente seco há cinco meses e, segundo relato dos moradores, há quatro anos não há uma chuva forte na região, capaz de encher as barragens.

Tão seca quanto o rio e seus córregos, está a caatinga. Para chegar ao sítio da Furna dos Caboclos, por exemplo, o grupo teve que subir uma serra por mais de uma hora, enfrentando xiques-xiques, mandacarus e juremas com espinhos ressecados, atravessando leitões secos de pequisenos córregos, como o riacho dos Balanços, que não corre há

quatro anos.

Os sertanejos da região (criadores de gado, ceramistas ou pequenos comerciantes) têm diferentes opiniões sobre as "pinturas nas pedras". A maioria delas não imagina a importância dos painéis que têm nas proximidades de suas casas e quase todos possuem relatos de brincadeiras de crianças nas farnas que servem de abrigos naturais. "Acho as pinturas interessantes e acredito que ninguém deve mexer nelas", diz o comerciante Tibúrcio Dantas. Tibúrcio Dantas Filho, que serviu de guia para os pesquisadores, conta que conhece a área porque gostava muito de brincar na região. Outro a conhecer porque são caçadores. Avelino Dantas, um desses, garante saber a localização exata de um "cemitério velho dos caboclos", que, no futuro, deve merecer estudos por parte dos pesquisadores.

Mas há os que vêm as pedras pintadas pelos antigos índios com misticismo. É o caso de Bento Florêncio Dantas, que acompanhou o arqueólogo Marcos Galindo na primeira vez em que ele esteve no Seridó, tentando localizar, a pedido de Gabriela Martin, as pinturas descritas por José de Azevedo Dantas. Para Bentinho, como esse criador é conhecido, as pinturas são um mistério. Apesar de não saber o que os arqueólogos estudam na região, Bentinho arrisca um palpite sobre os painéis: "Antônio é coito dos índios antigos, não se deve mexer".

OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS JÁ LOCALIZADOS NO SERIDÓ



- 1 - Boqueirão de Parelhas - Parelhas
- 2 - Xique Xique I - Carnaúba dos Dantas
- 3 - Xique Xique II - Carnaúba dos Dantas
- 4 - Casa Santa - Carnaúba dos Dantas
- 5 - Criminoso - Carnaúba dos Dantas
- 6 - Pedra do Alexandre - Carnaúba dos Dantas
- 7 - Palácio - Carnaúba dos Dantas
- 8 - Talhado do Gavilão - Carnaúba dos Dantas
- 9 - Sertão do Reino - Carnaúba dos Dantas
- 10 - Pedra Branca - Carnaúba dos Dantas
- 11 - Saco do Xique Xique - Carnaúba dos Dantas
- 12 - Areia - Carnaúba dos Dantas

Há mais de 60 anos, o trabalho pioneiro de um sertanejo genial



Muito antes de os arqueólogos da Universidade Federal de Pernambuco começarem a copiar as pinturas do Seridó, o sertanejo José de Azevedo Dantas já tinha despertado sua curiosidade pelos painéis que retratavam a vida dos antigos habitantes da região. Esse jornalista autodidata que aprendeu a ler nas areias das margens do rio Carnaúba e publicava um jornal manuscrito

intitulado "O Momento Diário da Vida Sertaneja" concluiu, em fevereiro de 1925, um trabalho onde copiou e descreveu pinturas rupestres e gravuras de mais de 50 sítios localizados próximos ao rio Seridó e seus afluentes. Morador de uma propriedade chamada Xique-Xique, onde foram localizados dois sítios arqueológicos pelos pesquisadores da UFPE, José de Azevedo Dantas percorreu toda a área desenhando, com riqueza de detalhes, as representações que via. Na abertura do trabalho, ele

conta: "(...) não se trata da existência do gentio brasileiro e sim de uma antiquíssima civilização pré-histórica, talvez do período neolítico (...)". Dantas acertava em cheio. Esse trabalho hoje faz parte do acervo do Instituto Histórico da Paraíba e foi lá que Gabriela Martin o descobriu. Percebendo a importância do manuscrito (principalmente por já conhecer as pinturas de São Raimundo Nonato, no Piauí), a arqueóloga enviou membros de sua equipe para fazer o reconhecimento da área, quando se constatou que os painéis de fato existiam. Só de pinturas rupestres no *Estilo Seridó*, já foram encontrados doze sítios. "Possivelmente algumas dessas pinturas já não existem. Muitos sítios devem ter sido destruídos para ser transformados em paralelepípedos", lamenta Gabriela. Entre esses, devem estar os sítios de Picuí, Pedra Lascada e Jardim do Seridó, descritos por Dantas. O pioneiro morreu em 1929 e tinha, na época, 38 anos.

A dedicação e paciência de Azevedo Dantas proporcionaram um precioso levantamento dos sítios arqueológicos da região do Seridó. Ele não só copiou, com enorme exatidão, as figuras desenhadas na rocha, como descreveu, com riqueza de detalhes, as características dos desenhos que intuiu serem milenares



Roberto Paixão

Roberto Paixão

O acesso muitas vezes é difícil aos lugares onde os artistas primitivos deixaram sua arte